

## Alexandria e o conhecimento no período helenístico<sup>1</sup>

Leonor Santa Bárbara  
CHAM, FCSH/UNL-UAç

### Resumo

Fundada por Alexandre, o Grande (331 a. C.), Alexandria ficou famosa pela biblioteca e pelo museu. Estes foram um produto da política dos primeiros Ptolomeus mais do que da de Alexandre, ocupado, noutras regiões, com a criação de um império. Ptolomeu construiu um grande palácio, em cujo jardim foi edificada uma “casa das Musas” – o Museu. Este, associado à biblioteca, foi o centro do conhecimento da época. Concentrou-se, aqui, toda a produção literária grega, bem como homens encarregues de preservar e difundir este saber.

**Palavras-Chave:** Alexandria, Ptolomeu, palácio, museu, biblioteca.

### Alexandria and knowledge in the Hellenistic Age

### Abstract

Founded by Alexander the Great (331 B.C.), Alexandria was famous for its Library and Museum. These were a product of the first Ptolemies' policy rather than of Alexander, who spent his life building an empire elsewhere. Ptolemy I built a huge palace in whose gardens was built a 'house for the Muses' – the Museum. This, associated with the Library, was the centre of contemporary knowledge. Here was gathered the whole body of Greek literature, as well as scholars charged with preserving and disseminating this knowledge.

**Keywords:** Alexandria, Ptolemy, palace, museum, library

Alexandria, no delta do Nilo, foi a mais famosa das cidades fundadas por Alexandre, tendo-se tornado, entre os séculos IV e III a. C., no mais importante centro cultural do mundo antigo, suplantando Atenas. Para isto contribuiu a acção dos primeiros Ptolomeus, que cedo desenvolveram a cidade.

Convém referir que, quando Ptolomeu I (antigo general de Alexandre) assumiu o poder no Egipto, começou por manter-se no seu tradicional centro religioso, Mênfis, com o intuito de ser considerado pelos nativos como um Faraó. Isto, todavia, não o impediu de, posteriormente, transferir a capital para Alexandria, junto do Egipto, como os Antigos a designavam<sup>2</sup>. Desta forma e através de uma política de difusão cultural seguida pelos seus sucessores imediatos, a sorte da cidade foi decidida. Muito cedo Alexandria deixou de ser considerada uma cidade qualquer, mas a cidade de Alexandre. Não é alheio a isto, o facto de nesta cidade se encontrar o túmulo do seu fundador, sagazmente desviado do seu destino por

---

<sup>1</sup> O texto não se rege pelo AO 1990, por opção da autora, que considera que este não defende a riqueza e a diversidade da língua portuguesa.

<sup>2</sup> Veja-se, a este respeito, FRASER, P. M. – **Ptolemaic Alexandria**. Oxford: Clarendon Press, 1972. vol. 1. p. 107; vol. 2, pp. 196-197. No entanto, a cidade não foi construída numa zona totalmente desabitada, visto que havia nas proximidades a povoação de Racótis, que veio a dar o seu nome a um dos bairros de Alexandria.

Ptolomeu Soter. Outros factores prestaram o seu contributo e, entre eles, o conhecido *Romance de Alexandre*.

Muito se tem discutido sobre a autoria e a época deste romance, não havendo muitas certezas sobre estes aspectos. Parece ser seguro que seria posterior a Alexandre, tratando-se, possivelmente, de uma obra feita para justificar a importância de Alexandria. Atribuído erradamente a Calístenes, o *Romance de Alexandre* terá sido composto, provavelmente, nos séculos III-II a. C. No entanto, terá sido reescrito e divulgado inúmeras vezes na Antiguidade, o que contribuiu para que dele haja diversas variantes. A personagem de Alexandre nele descrita é uma figura fantasiada, misto de herói e divindade, capaz dos mais diversos feitos e sem qualquer relação com o que nos transmitem os seus historiadores.

Atenhamo-nos apenas aos aspectos relevantes para a cidade de Alexandria. Quando Artaxerxes Oco conquista o Egipto, o seu faraó, Nectanebo – possuidor de conhecimentos de magia – foge, chegando à Macedónia, disfarçado de profeta e adivinho. Aqui irá encontrar-se com Olímpia, numa altura em que esta é violentamente pressionada por Filipe II a dar-lhe um filho. Nectanebo propõe-se ajudá-la e, associando magia e astúcia ao interesse que a rainha lhe despertara, consegue que esta engravide, convicta de que a criança é fruto da sua relação com Ámon. Alexandre tem, assim, uma dupla ascendência: é, sem o saber<sup>3</sup>, filho do faraó egípcio e, simultaneamente, filho do deus egípcio, que mais tarde será associado a Júpiter. Refira-se, ainda, que quando os Egípcios, terminada a batalha, notaram a ausência do seu rei, consultaram o oráculo de Serápis, que lhes anunciou o futuro regresso de Nectanebo, não como o ancião que eles conheciam, mas como um jovem que derrotaria os Persas. O destino de Alexandre e a sua relação com o Egipto ficam assim determinados, associados à vontade da divindade.

Quando Filipe II é assassinado, Alexandre sucede-lhe no trono, partindo para as suas expedições na Ásia e Norte de África, não sem primeiro ter estabilizado a situação da Macedónia com os seus vizinhos. Em 331 a. C. chega ao Egipto, onde é recebido com grandes manifestações de júbilo e é imediatamente considerado seu rei e salvador. A consulta do oráculo, informa Alexandre do local onde deve fundar a sua cidade, próximo da ilha de Faros. O rei segue as determinações divinas e chega ao local indicado. Aí, ele próprio traça os limites da cidade, definindo-lhe um plano e inscrevendo nas suas fundações as cinco primeiras letras do alfabeto grego, uma por cada bairro da cidade: Α, Β, Γ, Δ, Ε. Estas correspondem a iniciais de palavras que, juntas, formam a seguinte expressão: ‘Alexandre, rei, da raça de Zeus, fundou’<sup>4</sup>.

O rei escolheu também os arquitectos que deveriam trabalhar na construção da cidade, não deixando nada ao acaso. De acordo com o romance, ele próprio terá sido o autor da planta da cidade, determinando cada um dos seus diversos aspectos.

Ainda que a cronologia contradiga – ou, no mínimo, dificulte – estas realizações (nesse mesmo ano Alexandre travou uma batalha definitiva com Dario III), importa salientar que a novela aponta para uma predestinação, provando não só que a construção desta cidade resulta da vontade divina, mas também que o seu fundador era o legítimo faraó do Egipto. Se é como sucessor de Alexandre que Ptolomeu inicia a sua governação no Egipto, esta novela confere-lhe tanta legitimidade como o sarcófago do seu fundador. Terá sido este, também, o

---

<sup>3</sup> Mais tarde, Nectanebo dirá a Alexandre que é seu pai, o que provocará no jovem uma reacção violenta – Nectanebo será morto pelo próprio filho.

<sup>4</sup> Procurei, em Português, manter a ordem do Grego (Ἀλέξανδρος βασιλεὺς γένος Διὸς ἔκτισεν), embora fosse mais compreensível dizer: ‘Fundou[-a] o rei Alexandre, da raça de Zeus’.

motivo por que o autor do *Romance de Alexandre* parece desconhecer toda a tradição que associa Alexandre a Hércules ou a Aquiles.

Regressando à realidade e ao momento em que os Ptolomeus se mudam para Alexandria, constatamos que uma das suas preocupações é a construção de um palácio. Este inclui dois outros edifícios – o Museu e a Biblioteca. No primeiro, assim designado por ser dedicado ao conhecimento (casa das Musas), desenvolveram-se diversas áreas do saber, como a medicina, a matemática ou a geografia, sendo por vezes considerado como uma imitação do Liceu de Aristóteles, em Atenas. O objectivo da Biblioteca seria o de armazenar toda a produção escrita em Grego desde os poemas homéricos. A reunião e catalogação destas obras foi um trabalho aturado que implicou, por parte dos bibliotecários de Alexandria, um estudo e um conhecimento profundo das diversas obras dos vários autores. Mas o seu significado era óbvio: Alexandria rivalizava com Atenas como cidade preponderante no domínio do conhecimento e da literatura. Lembremos, a propósito, a anedota segundo a qual Ptolomeu III Evergetes I terá pago 15 talentos a Atenas pelo empréstimo dos originais dos três grandes tragediógrafos atenienses, que nunca terá devolvido. Esta história ilustra o objectivo de Ptolomeu, mas reflecte a importância que aqui se dava às representações trágicas<sup>5</sup>.

A proximidade destes edifícios relativamente ao palácio real não é de somenos importância. Se Alexandria era uma cidade cheia de vida, em cujas ruas era possível encontrar divertimento e saber – o primeiro, graças a malabaristas, dançarinos e actores, que em pouco tempo montavam um espectáculo capaz de captar a atenção dos transeuntes; o segundo, por intermédio de indivíduos que arengavam nas ruas sobre questões variadas – o palácio era um local que atraía a atenção de todos, que o podiam visitar, parcialmente, em momentos específicos. O poeta Teócrito testemunha-o num dos seus *Idílios*<sup>6</sup>, em que retrata duas amigas que se dirigem ao palácio de Ptolomeu a fim de assistirem à celebração de Adónis. O palácio é o local habitual para estas celebrações, organizadas pela própria rainha, que incluem a representação de Adónis, morto, rodeado por flores, e um hino em sua honra, entoado por uma cantora conhecida. O poeta descreve-nos o ambiente nas ruas de Alexandria daqueles que se dirigem ao palácio, com o fito de observar o que foi preparado, juntamente com a própria segurança da cidade, que parece ser maior nesta altura. À semelhança de uma cidade moderna, também aqui a multidão vai aumentando, à medida que se acercam do palácio, com empurrões e queixas, mas também com perguntas a quem saiu do edifício. O acesso é limitado a uma parte do palácio, mas as duas amigas não deixam de notar os vários pormenores, numa apreciação que não se limita ao modo como o homenageado é representado, mas que se foca na sumptuosidade da divisão e na sua decoração, com especial menção às tapeçarias que a decoram e cujas figuras aparentam estar vivas.

Os poetas não elogiam apenas o esplendor do palácio; fazem-no também à cidade e ao seu governante, como podemos ver, tanto em Teócrito, como em Calímaco. Este, no “Hino a Zeus” compara Ptolomeu II Filadelfo a Zeus: enquanto o deus é referido como rei dos céus, o primeiro é o rei do mundo, num rasgado elogio das suas qualidades. Também no “Hino a Delos” o monarca é comparado com a divindade. Do mesmo modo, Teócrito (*Idílio XVII*, “Panegírico a Ptolomeu”) elogia o mesmo rei, pela sua ascendência e por ele próprio, terminando com a comparação do seu segundo casamento com a irmã com a união entre Zeus e Hera. Ptolomeu II é divinizado por ambos os poetas. Realce-se, contudo, o caso de Calímaco. O poeta era natural de Cirene, cidade que fora entretanto dominada por Ptolomeu. Seria de esperar que criticasse o soberano ou que mostrasse uma atitude de descontentamento;

---

<sup>5</sup> Esta competição com Atenas pode também ser ilustrada pelo facto de o bairro onde se prestava culto a Deméter ter recebido o nome de Elêusis.

<sup>6</sup> Veja-se TEÓCRITO - *Idílio XV*, “As Siracusanas ou As mulheres na festa de Adónis”.

no entanto, o que se verifica é precisamente o oposto: Calímaco não hesita em considerar Ptolomeu o seu legítimo rei.

Este aspecto está estreitamente ligado com a preocupação dos Ptolomeus ao associarem o saber e a cultura ao palácio. Saliente-se, em primeiro lugar, que não se trata de um saber qualquer, mas o grego, mesmo que os seus principais difusores possam não ser de origem grega. Este facto é facilmente justificável se pensarmos na ascendência macedónica dos Lágidas, sem esquecer a proximidade de Soter relativamente a Alexandre. Tal como o rei macedónico, também Ptolomeu se serviu da língua grega e, através dela, continuou a difusão civilizacional iniciada por Alexandre. Não é, contudo, o único factor ou, sequer, o mais relevante.

Ressalve-se que o início do reinado de Ptolomeu Soter se caracteriza por uma dependência relativamente aos sacerdotes egípcios. Ela era-lhe necessária para ver reconhecida a sua legitimidade como governante e herdeiro do faraó. Do mesmo modo, os documentos oficiais eram inicialmente escritos em demótico, tendo sido necessário esperar que houvesse um quadro administrativo constituído por nativos bilingues, para que todo o sistema burocrático se tornasse grego. E não foi só na burocracia que a língua egípcia se conservou. Também no campo da educação se verifica a coexistência de dois tipos de formação – a nativa e a grega, conscientes uma da outra. Isto justifica que se tenha conservado uma produção literária em egípcio, com a preservação também de géneros literários. Quando uma elite cultural egípcia adopta o grego, fá-lo considerando-o uma “língua franca” que lhe permitirá aceder a um público mais vasto. Estamos, portanto, perante um quadro de bilinguismo, embora isso não signifique que todos sejam encarados da mesma forma pelo soberano.

Os Ptolomeus protegeram a cultura e a sua difusão, mas uma cultura específica – a grega. Um dos traços característicos desta protecção está associado à criação dos *philoí* (amigos) do rei. Trata-se de homens de cultura, gramáticos ou eruditos, muitas vezes também poetas, que possuíam uma origem grega ou que produziam em Grego<sup>7</sup>. Ou seja, estamos perante uma cultura de corte, em que esta protege os letrados; note-se que quem produzisse na língua nativa não pertencia ao grupo dos *philoí* do rei.

A monarquia ptolemaica não foi caso único; conhece-se o caso de Hegesíanax de Alexandria na Tróade, que foi *philos* do rei selêucida Antíoco III. Se retrocedermos no tempo, encontraremos exemplos deste patrocínio no passado, nas tiranias da Jónia ou em Siracusa, onde Hierão II ficou conhecido também como patrono dos poetas. Não será por acaso que este tirano é elogiado num dos *Idílios* de Teócrito (*Idílio XVI*, “As Graças ou Hierão”). Através deste panegírico, o poeta apresenta-nos o governante helenístico como imagem de generosidade, de um anfitrião que reúne à sua volta vários *philoí*.

Esta corte, em que o rei é o patrono de vários homens do saber (e não apenas poetas) que o rodeiam, será um modelo para épocas posteriores. Se em Roma, no principado de Augusto, se constituem círculos literários à volta de mecenas, que protegem os poetas, nas cortes europeias medievais encontramos novamente o rei como patrono da cultura. No entanto, importa salientar que nas cortes helenísticas o que estava em causa não era a produção de uma literatura de propaganda; o rei não pretendia estar cercado por adutores ou

---

<sup>7</sup> As modificações que se verificaram no processo educativo no período helenístico contribuíram para que a educação não fosse ministrada exclusivamente a gregos, mas a todos aqueles que nela estivessem interessados ou pudessem pagá-la. Daí que a elite cultural seja constituída por pessoas de origens diversas: Calímaco, como foi referido acima, era natural de Cirene; Teócrito, de Siracusa; Menandro, por exemplo, era ateniense.

por poetas que apenas se ocupassem do seu panegírico. O principal objectivo desta protecção era a imagem que o soberano dava de si mesmo, o prestígio que ele adquiria enquanto patrono. Se, como Teócrito afirma, isto mostra a benevolência, a hospitalidade, a generosidade do monarca, é também sinal de que ele era um homem culto, erudito e com bom gosto.

Alexandria foi, portanto, uma cidade cosmopolita a que afluíam todos os se interessavam pelo saber, independentemente da sua origem. À semelhança de outras cidades helenísticas, também nela se notava grande actividade política, ainda que distinta da da Atenas democrática: aprovação de decretos em assembleias ou conselhos, atribuição de honras a benfeitores públicos, organização de festivais, regulamentação da educação local, entre outras. Há, todavia, um aspecto a salientar, que as distingue do passado recente – a emergência de um rei, benfeitor, como figura influente na cidade.

## **Bibliografia**

### **Textos:**

**CALLIMAQUE – Les origines. Réponse aux Telchines. Élégies. Épigrammes. Iambes et pièces lyriques. Hécaté. Hymnes.** Texte établi et traduit par Émile Cahen. 6.<sup>a</sup> ed. Paris : Les Belles Lettres, 1972.

**Hellenistic Poetry. An Anthology.** Selected and translated by Barbara Hughes Fowler. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1990.

**Historiens d'Alexandre.** Textes traduits et annotés par Janick Auberger. 2.<sup>a</sup> ed. Paris. Les Belles Lettres, 2005.

**The Greek Alexander Romance.** Translated with an introduction and notes by Richard Stoneman. London: Penguin Books, 1991.

**The Greek Bucolic Poets.** With an English translation by J. M. Edmonds. 11.<sup>a</sup> ed. Cambridge: Massachusetts: London: Harvard University Press, 1991.

**THEOCRITUS – The Idylls.** Translated with an introduction and notes by Robert Wells. 2.<sup>a</sup> ed. London. Penguin Books, 1989.

### **Obras de consulta:**

**A Companion to Hellenistic Literature.** Ed. By James J. Clauss and Martine Cuypers. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

FRASER, P. M. – **Ptolemaic Alexandria.** Oxford: Clarendon Press, 1972.

STEPHEN, Susan A. – **Seeing Double: Intercultural Poetics in Ptolemaic Alexandria.** Berkeley: Los Angeles: London: University of California Press, 2003.